

Por que não votar na Dilma?

Paulo Buchsbaum - 24 de agosto de 2014

E-mail: pbuchsbaum@globo.com

Perfil: <https://www.linkedin.com/in/paulobuchsbaum>

Site: www.greatsolutions.com.br

INTRODUÇÃO

Apresento aqui uma exposição extensa de motivos para não votar na Dilma.

Se alguém ler atentamente tudo que estiver escrito e verificar alguns dos dados e informações, irá perceber que existem três mundos distintos no atual governo: a ideologia, os discursos oficiais e a prática. Quando se examina de perto, a situação é muito preocupante em qualquer área que se examine.

Foi um trabalho de pesquisa intenso, onde me debrucei sobre muitos dados, alguns difíceis de obter, devido à falta de transparência do governo.

Procurei escrever com sobriedade sem afirmações superlativas e adjetivadas em demasia, que tira a credibilidade do que está se dizendo. Não há afirmações levianas ou números inventados. Todas as referências possíveis foram colocadas junto ao texto, para facilitar a consulta.

Nada do que está escrito está baseado em afirmações sem provas. Tudo foi baseado em dados publicamente disponíveis ou argumentações que podem ser debatidas.

Nesse texto, o tema corrupção foi abordado apenas levemente, porque, além de envolver acusações subjetivas e difíceis de provar, representa uma questão recorrente na história brasileira e que sempre esteve presente na nossa política.

Acredito que apenas uma grande reforma eleitoral e política, visando a melhorar a representatividade, tornar nossos partidos mais consistentes, diminuir a influência do poder econômico, melhorar o equilíbrio de poderes, aumentar a transparência e diminuir a influência do executivo no judiciário; poderia diminuir a intensidade da corrupção.

Não tive a preocupação de abordar todos os assuntos possíveis, senão o texto ficaria longo demais. Para facilitar, dividi os treze tópicos em [Política](#), [Social](#) e [Economia](#).

Após escrever esse artigo, sinto uma sensação de dever cumprido e com um maior nível de consciência e conhecimento. Depois de tudo, estou convicto que o governo atual é ainda pior do que já achava.

Espero que o artigo seja para você tão útil e esclarecedor como foi escrevê-lo para mim.

POLÍTICA

Precisamos de Alternância Democrática!

Quando um governo fica no poder por muitos anos, ele tende a usar sua máquina, cada vez mais poderosa, para dominar progressivamente o Legislativo e controlar mais e mais o Judiciário, através de nomeações.

Dentre muitos casos, há dois exemplos emblemáticos:

- 1) As votações do Mensalão viraram a favor dos réus, após o governo nomear dois novos juízes para o STF em 2013;
- 2) Nos últimos anos a Polícia Federal desacelerou bastante sua atuação em casos de corrupção (<http://oglobo.globo.com/brasil/pf-reduziu-operacoes-contracorrupcao-nos-ultimos-anos-11098977>)

O PT já está aí há 12 anos, quer ficar mais 4 anos, e depois o Lula pode voltar mais 4 ou 8 anos, dependendo da idade, totalizando 24 anos de poder para o mesmo partido.

O agravante aqui é que o PT não é um partido qualquer, mas um partido que tem identidade notória com os chamados regimes "socialistas", muitos dos quais seguem uma vertente autoritária. Para

se ter uma ideia, o PT fundou a organização "Foro de São Paulo", cuja primeira reunião foi em São Paulo em 1990. O foro juntou um grupo de partidos e grupos socialistas, atualmente incluindo os governos de Cuba, Argentina, Brasil e Venezuela.

Tomemos a Venezuela como exemplo. O país vive atualmente uma crise sem precedentes, com desabastecimento, controle de preços imposto, inflação atingindo a marca de 60% ao ano, repressão a manifestações, cerceamento à liberdade de imprensa, que desaguam na subserviência do judiciário e legislativo aos desmandos do executivo.

Setores importantes do PT fletam com medidas que levem ao cerceamento às liberdades, como as tentativas de "regulação" da mídia. Em recente evento, o Santander divulgou uma análise onde associava um comportamento positivo do mercado diante do aumento das chances de vitória da oposição. O governo fez pressão sobre o Santander, que teve que voltar atrás e demitir profissionais. Isso é apenas uma ilustração recente do viés autoritário do PT contra quem pensa diferente.

Há provas que segmentos do PT se identificam com o autoritarismo e com a ideia que os fins justificam os meios, mesmo que esses "meios" não sejam lá muito democráticos. Quanto mais tempo o PT ficar no poder, mais risco de haver um retrocesso na Democracia, tão duramente reconquistada.

Na Argentina foi assim. Em 2003 quando Nestor Kirchner assumiu, ninguém imaginava que em 2014 a viúva Cristina Kirchner estaria conduzindo a Argentina para um calote, com inflação alta e câmbio duplo, oficial e paralelo, além de usar a justiça para subjugar a tradicional imprensa argentina.

Vale ressaltar o fanatismo de alguns setores do governo, que, por vezes, é flagrado pelas câmeras. Em um evento de comemoração de 10 anos do governo do PT em 2013, a filósofa petista Marilena Chauí faz um discurso de uns 20 minutos. Lula estava ao lado sentado em uma poltrona vermelha. Em um determinado momento, ela brada com muito rancor e intensidade: "*Eu odeio a classe média*", seguido de fortes aplausos, depois ela completa "*A classe média é um atraso de vida. A classe média é estupidéz. É o que tem de reacionário, conservador, ignorante, petulante, arrogante, terrorista, é uma coisa fora do comum a classe média*". Lula ri das palavras e ao final do discurso aplaude. (<https://www.youtube.com/watch?v=uhpGjDul4>)

Essa eleição é a melhor chance de quebrar essa hegemonia e termos algo novo e/ou diferente, uma vez que Dilma é candidata e está com a reputação desgastada, mais do que o carismático Lula.

Aqui tem uma análise que é um interessante contraponto entre promessas de 2010 e realizações da Dilma em 2014.

(<https://www.facebook.com/notes/rafael-oliveira/porque-n%C3%A3o-votar-em-dilma-rousseff/10204503750181647> e <https://www.facebook.com/notes/rafael-oliveira/porque-n%C3%A3o-votar-em-dilma-rousseff-2%C2%AA-parte/10204574874359707>)

Adendo com vínculos entre PT, Foro de São Paulo, Hugo Chavez e as FARC

a) Lula em 2012 no Foro de São Paulo e o poder na América Latina

0:15: "*Em 1990, quando criamos o Foro de São Paulo, nenhum de nós imaginava que em apenas duas décadas chegaríamos onde chegamos. Naquela época, a esquerda só estava no poder em Cuba. Hoje, governamos um grande número de países*". **2:26** "*Para dar um forte abraço no meu companheiro Hugo Chavez.*"

<https://www.youtube.com/watch?v=tD4mfCnugXo>

Hugo Chavez tentou assumir o poder na Venezuela em 1992 por meio de um golpe, que contou com o apoio de uma parte dos militares, mas fracassou e foi preso. Depois terminou eleito em 1998 e 16 anos depois seu grupo político continua no poder.

b) Chavez no Foro de São Paulo em 2008 e as FARC

3:12 " "*Recebi o convite para assistir, em 1995, ao Foro de São Paulo, que se instalou naquele ano em San Salvador. (...) Naquela ocasião conheci Lula, entre outros. E chegou alguém ao meu posto na reunião, a uma mesa de trabalho onde estávamos em grupo conversando, e lembro que*

colocou sua mão aqui [no ombro esquerdo] e disse: 'Cara, quero conversar com você.' E eu lhe disse: 'Quem é você?' "Raúl Reyes, um dos comandantes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia"

(<https://www.youtube.com/watch?v=BRW-fdcaMfM>)

c) Lula em 2013 do Foro de São Paulo e a "dívida" à Cuba

4:38: "... eu quero ... debitar parte da chegada da esquerda ao poder da América Latina pela existência dessa cosita chamada Foro de São Paulo.(Aplausos) Foi aqui e devemos muito aos companheiros cubanos, devemos muito aos companheiros cubanos. porque, ao contrário do que muita gente conservadora pensa, os companheiros cubanos sempre, sempre nos ensinaram que o exercício da tolerância (??) entre nós, a convivência pacífica (??) na adversidade entre nós Agora nós temos a obrigação de não permitir (??) que haja nenhum retrocesso nas conquistas que nós obtivemos até agora. Nenhum retrocesso !" (<https://www.youtube.com/watch?v=pzNlz64UHfo>)

d) FARC participou oficialmente do Foro de São Paulo

As FARC são uma organização terrorista que mescla ideologia esquerdista com narcotráfico e que pratica atos como sequestros, assassinatos, guerrilhas e atentados. As FARC participavam dos encontros do Foro de São Paulo entre 1995 a 2005, como está fartamente documentado nas suas atas oficiais, disponíveis na Internet.(<http://www.midiaseemmascara.org/arquivo/atas-do-foro-de-sao-paulo.html>). A atuação das FARC pode ser observada nesse vídeo, em meio a muitos outros disponíveis (<https://www.youtube.com/watch?v=1wDsFv8ICNE>)

e) PCdoB simpatiza com as FARC

O PCdoB, da base de apoio do governo do PT, publicou no seu site oficial uma entrevista de cunho favorável de Raul Reyes, líder das FARC, morto em 2008.

(http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=31312&id_secao=7)

f) Denúncia das ligações FARC x PT

A revista colombiana semanal Câmbio, em reportagem publicada em 2008 no seu número 787, acusou figuras proeminentes do governo brasileiro, como José Dirceu, Marco Aurélio Garcia e Gilberto Carvalho, de manter relações estreitas com as FARC, baseado em achados no computador de Reyes, fato que chegou ao conhecimento do então presidente Uribe, que preferiu não tornar público, em nome de interesses comerciais. (<http://www.folhapolitica.org/2014/05/farc-estao-infiltradas-na-alta-esfera.html> e http://www.midiaseemmascara.org/index.php?option=com_content&view=article&id=7022:o-dossie-brasileiro&catid=95:foro-de-sao-paulo&Itemid=69)

g) Entrevista de Raul Reyes, relativo à Lula

...

Folha de S.Paulo - O sr. conheceu Lula?

Reyes - Sim, não me recordo exatamente em que ano, foi em San Salvador, em um dos Foros de São Paulo.

Folha de S.Paulo - Houve uma conversa?

Reyes - Sim, ficamos encarregados de presidir o encontro. Desde então, nos encontramos em locais diferentes e mantivemos contato até recentemente. Quando ele se tornou presidente, não pudemos mais falar com ele

....

Reyes - ... as Farc têm como política estabelecer relações políticas com governos, para explicar a eles que temos uma política que consiste em não realizar operações militares fora do território colombiano (e dentro?)

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62119.shtml>)

-/-

Tudo isso que foi dito acima termina se constituindo na justificativa mais forte para não se votar de modo nenhum na Dilma e termos alternância democrática, para quebrar o conceito do poder monolítico.

Pragmatismo vale mais do que Imagem

A ideologia, que o PT proclama, se torna negativa ao tomar medidas que favoreçam países identificados com a esquerda, além de se apresentar como benfeitor internacional, atitude atípica para um país com tantas carências. Essa postura é clara em várias ações do governo, dos quais se separaram algumas, apenas esboçadas.

a) Haiti: 10 anos, R\$ 1,4 bilhões, 38 vidas. E os hospitais federais abandonados por aqui?

b) Perdão á dívida africana de US\$ 900 milhões, incluindo algumas ditaduras corruptas. Até o cônsul da Costa do Marfim falou que um investimento com retorno seria mais apropriado.

(<http://noticias.r7.com/brasil/perdao-da-divida-de-paises-africanos-daria-para-brasil-construir-57-mil-casas-populares-08062013>)

c) R\$ 2 bi no *Porto de Mariel* em Cuba, que apresenta riscos pela concorrência de outros portos, sucessão em Cuba, incertezas relativo ao fim do embargo norte-americano, etc.

<http://thecubaneconomy.com/articles/tag/mariel/>

d) US\$ 20,1 bi na *Refinaria Abreu e Lima*, que inclui sociedade de 40% com petrolífera Venezuela, que acabou não entrando com nenhum tostão.

<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,petrobras-abriu-mao-de-cobrar-calote-da-venezuela-em-obras-de-refinaria-imp-,1144316>

e) O Brasil afunda no Mercosul junto com a Argentina (presidente atual do Mercosul) e Venezuela (presidente anterior), com sua retórica protecionista, terceiro-mundista e reuniões de cúpula improdutivas. Só no primeiro semestre desse ano as exportações para a Argentina já recuaram 20%. Por outro lado, a Aliança do Pacífico (Peru, Chile, etc.) contrasta com estabilidade, pragmatismo e agilidade.

(http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/31/internacional/1406763797_815683.html e

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/internacional/noticia/2014/06/20/alianca-pacifico-encerra-cupula-com-apelo-solitario-do-chile-por-dialogo-com-mercosul-132589.php>.)

f) O programa "*Mais Médicos*" manda médicos para o interior, mas erra ao isentar os médicos estrangeiros de fazer o Revalida, teste obrigatório que reprova mais que 90%. (Será que essa pressa toda é para ajudar ao Padilha em São Paulo?), além de repassar para Cuba grande parte dos salários dos seus médicos, o que põem lado a lado cubanos e não cubanos, com salários totalmente diferentes.

Mesclar ideologia e relações internacionais é muito danoso, porque se desperdiça foco, tempo e recursos, em nome de se passar uma boa imagem como país de esquerda.

Estado Grande é Danoso

Um dos pilares fundamentais do Socialismo é a defesa da presença forte do estado na economia. A visão que seduz muitos eleitores é que quando o governo controla algo, ela o faz pensando no bem maior, ou seja, no povo. Nessa linha de pensamento, a iniciativa privada é o oposto: só pensa em si própria e no lucro. Em teoria poderia ser assim, mas peço a paciência do leitor para demolir ponto a ponto essa visão romântica, mas fantasiosa.

O primeiro ponto, que poderá parecer surpreendente para muitos, é que uma empresa privada termina por ser muito mais vigiada do qualquer empresa ou autarquia pública.

Numa empresa pequena, o dono contrata um gerente, porque ele não está sempre no local, mas se mantém sempre alerta. Por exemplo, o dono de uma lanchonete pode usar clientes fantasmas para verificar se a loja está atendendo direito. O governo está de olho e a loja pode, por exemplo, receber fiscais de vigilância sanitária, que tem o poder até de fechá-la.

Em uma empresa grande, que é o nosso foco de discussão, há ainda muito mais vigilância, porque existe um órgão chamado Conselho de Administração, que se responsabiliza, entre outras coisas, por fiscalizar a gestão direta da empresa.

Em uma organização governamental tudo é completamente diferente: todos que estão lá são apenas funcionários e tudo se mistura. O papel do governo de vigiar a empresa também desaparece, uma vez que a empresa representa o próprio governo.

A independência entre o Conselho e a gestão também é quebrada, porque o governo nomeia pessoas tanto para o Conselho como para a gestão e tudo acaba virando uma ação de iguais, como vimos no caso do episódio da compra da refinaria de Pasadena pela Petrobrás, onde o Conselho, presidido pela Dilma, aprovou uma decisão da direção baseado em relatórios produzidos pela própria direção.

Ou seja, em uma empresa privada, os donos vigiam os gestores, o conselho vigia a empresa, o governo vigia a empresa, e a sociedade vigia o governo. Em uma organização pública, a empresa é do governo, não há donos individualizados, o governo nomeia os gestores e os membros do conselho. Só resta a sociedade, que termina tendo um papel muito pequeno nisso tudo. No final, em uma organização pública; conselheiros, donos, gestores e empresa se confundem.

Agora vamos olhar aspectos mais específicos de uma empresa, ligado a pessoas, qualidade, produtividade, etc.

Qual o destino de um profissional incompetente em cada um dos tipos de organização? Em uma empresa privada, se ele não for amigo do "rei", tende a ser demitido em algum momento. Em uma empresa pública, normalmente a pessoa vai para a geladeira, mas com vencimentos.

Politicagem e carreirismo existem em qualquer empresa grande, privada ou pública. No entanto, se o presidente da empresa tiver visão, ele irá fazer tudo para coibi-la ao máximo, porque é sempre muito danoso para a eficiência. Essa atitude é mais frequente em uma empresa privada, porque o cargo de presidente não se deve, em geral, a questões meramente políticas.

A produtividade em uma empresa privada tende a ser maior, porque o ritmo de trabalho é mais intenso. O mesmo não se pode dizer sobre uma organização onde dificilmente se é demitido. Há muitos, por exemplo, que estudam para concurso tranquilamente durante o expediente, dentre várias outras atividades paralelas possíveis.

Além disso, em diversas empresas públicas e autarquias existe excesso de contingente em alguns setores e, paradoxalmente, falta de recursos em outras. Isso porque certos setores são mais atrativos ou em locais mais nobres e terminam concentrando recursos. Por outro lado, há muita burocracia para contratação, sempre dependente de editais e concursos. Para suprir os buracos gerados por um concurso que vai sendo adiado, alocam-se terceiros que, em certos casos, terminam gerando um dispêndio maior do que os efetivos.

A empresa privada tem mais liberdade para contratar talentos sem depender da formalidade de um concurso, que nem sempre seleciona os mais aptos. Além disso, a empresa privada tem mais facilidade para pagar de forma diferenciada talentos diferenciados. Tudo isso apoia a qualidade média mais elevada do profissional.

Há muitos treinamentos em estatais e autarquias, muitos dos quais são inúteis. Em empresas privadas tudo é mais direcionado pela sua utilidade, o que leva a um aproveitamento maior.

Uma empresa pública costuma ter processos muito mais burocráticos, em média, do que as empresas privadas. Isso contribui para que se desperdice muito mais tempo com tarefas não produtivas. Controles são bons, mas o excesso é pernicioso. Alguns argumentam que isso é necessário para coibir desvios, mas não é bem assim. Basta à pessoa mal-intencionada conhecer bem esses controles e depois estudar para burlá-los. É uma barreira perfeitamente transponível.

Esse excesso de normas pode acarretar decisões ruins. Por exemplo, uma empresa pública está atrelada a muitas regras na análise do processo licitatório, dando menos espaço à subjetividade. O objetivo, louvável, é diminuir as fraudes. No entanto, termina sendo mais difícil aprovar uma proposta melhor que seja mais cara. Em uma empresa privada isso não acontece em geral porque há pessoas que tem autoridade para exercer a subjetividade, independente de uma norma oficial.

Veja que em uma empresa estatal, fora os acionistas minoritários, que estão isolados, não há um "dono" ou interessado direto em apurar bandalheiras. O prejuízo não sai do bolso de ninguém diretamente. Há um grande clima de corporativismo. É comum que um vende os olhos para as falhas que o outro faz, para que o outro também tape os olhos para os erros que o primeiro faz.

Assim, mesmo que as intenções do governo sejam boas, muitos tendem a se corromper, diante do poder e da possibilidade de ganhos ilícitos. As chances de se desmascarar os fraudadores não são grandes.

Por outro lado, na maioria das empresas privadas grandes, existe uma preocupação muito grande de se ter processos para detectar furtos e desvios. Até porque mexe diretamente no bolso dos sócios que estão na gestão executiva ou Conselho.

Os problemas de produtividade, excesso e carência de mão de obra e qualidade faz com uma organização, sob o controle estatal, tenda a ter menor lucratividade, o que diminui a capacidade de investimento, que retorna a partir de um percentual do lucro. Em suma, o governo tem dificuldade de investir o necessário para fazer uma empresa decolar e não se coloca dinheiro de fora, isso tudo quando o governo não decide usar o caixa da empresa, como já aconteceu.

Mais a mais, a falta de separação entre empresa e governo, faz com que o governo misture políticas governamentais com a gestão da empresa. Por exemplo, no caso da Petrobrás, está se controlando o preço da gasolina, para segurar a inflação. Isso diminui o lucro e aumenta seu endividamento, minando sua capacidade de investimento, mesmo diante do imenso potencial das reservas brasileiras. Depois, a contenção artificial de preço só adia o problema da inflação, pois uma hora a comporta rompe. Finalmente, o preço reprimido da gasolina está arrasando o etanol e as usinas que o fabrica. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/55636-com-crise-pais-perde-30-usinas-de-cana-de-acucar-desde-o-ano-passado.shtml>)

O intervencionismo governamental tem causado perdas consideráveis no valor de suas empresas nos últimos anos: Em março desse ano, a *Econômica* levantou que, desde o início do governo Dilma, a Petrobrás, a Eletrobrás e o Banco do Brasil estavam perdendo mais da metade (52,8%) do seu valor. (<http://oglobo.globo.com/economia/estatais-perderam-262-bilhoes-em-valor-de-mercado-desde-inicio-do-governo-dilma-11967699>)

A expansão de uma empresa privada é boa para os acionistas e também para o país como um todo, que usufrui dos serviços e produtos oferecidos pela empresa. Com o crescimento, a empresa gera mais empregos, aumenta sua capacidade de exportação e expande a arrecadação de impostos. O papel do governo é se certificar que a empresa é cumpridora das leis e segue os padrões éticos e ambientais vigentes.

Normalmente os socialistas rotulam seus adversários como neoliberais. Neoliberal é aquele que acredita que o governo deveria deixar as empresas livres para atuar, baseado na ideia que a competição resolveria qualquer problema. O grande erro de muitas pessoas é acreditar que quem defende as privatizações deva ser necessariamente neoliberal. Nada é mais longe da verdade. O Social Democrata acredita ser muito importante que o estado tenha mecanismos de controle e agências reguladoras, para impedir que as empresas formem cartéis e explorem seus clientes ou funcionários.

Um exemplo emblemático do potencial de evolução que a privatização proporcionou é a história da expansão da telefonia no Brasil. Em 1998, ano que a Telebrás passou para a iniciativa privada,

particionada em diversas empresas, existiam 22 milhões de linhas fixas. A simples posse de um número de telefone já tinha um grande valor e, por vezes, demoravam-se meses para instalar uma linha telefônica. Havia pessoas que viviam apenas de comprar e vender números telefônicos! A grande expansão que se deu, a partir da privatização, foi impressionante e nem precisa ser comentada.

Hoje a qualidade dos serviços de telefonia é abaixo do padrão aceitável porque o governo atual não tem valorizado a atuação das agências reguladoras. Elas atuam com descaso, como se fosse para provar que a privatização foi um mau negócio. A ANATEL (Agência Nacional de Telefonia) teria autonomia para cobrar mais das operadoras. Quando vemos problemas, podemos ficar tentado a culpar a privatização, quando, na prática, a agência reguladora poderia estar atuando de forma mais incisiva.

Em suma, o capitalismo passa longe da perfeição, mas é o que melhor funciona, diante da imperfeição do homem.

Falta Foco na Gestão

Muitos socialistas consideram gestão um ponto menor em um governo. Nessa visão, se alguém tem boas intenções, o resto se desdobra com razoável facilidade.

Não é tão simples. Há sempre uma grande distância entre intenções e objetivos; entre ter objetivos e saber o que fazer para alcançá-los; e, finalmente, entre saber fazer e fazer o que tem que ser feito. Tudo isso considerando que todos os membros da equipe queiram fazer o que lhes é determinado.

Gerir envolve fazer as coisas acontecerem, fazer com que decisões sejam tomadas e que essas decisões promovam mudanças. Envolve decidir e fazer com que as pessoas decidam, a partir de algumas premissas.

Existem pessoas com ótimas intenções, mas com dificuldades para negociar, ceder, ouvir e esperar. Alguém com esse perfil teria sérios problemas para ser presidente de um país.

O presidente, pela natureza do cargo, precisa despachar regularmente com todos os ministros. É preciso saber dar metas, prioridades, cobrar, reconhecer, criticar, trocar, nomear, etc. O que não é isso senão gerir? Além disso, é preciso ter grandes habilidades associadas a um gestor como saber ouvir, conciliar, negociar, mudar de ideia, etc. A relação com o congresso é um exercício de tolerância, persistência, bom senso, flexibilidade, etc.

Um político bem-intencionado, como o Saturnino Braga, pode dar origem a um desastre, como aconteceu no Rio de Janeiro como prefeito, talvez por excesso de ingenuidade e inexperiência. Os próprios funcionários que ele tinha agraciado com polpidos aumentos, se voltaram contra ele. O Rio chegou a praticamente decretar falência.

Existem muitos cargos de confiança na administração pública que são preenchidos pelo governo. A falta de importância que se dá a gestão estimula que se nomeiem pessoas com pouco ou nenhum preparo para o cargo.

Por exemplo, que preparo e experiência anterior teria Luiz Paulo Conde, que sempre atuou como arquiteto e já foi prefeito do Rio, para exercer a presidência de Furnas? Isso aconteceu no período de 2007-2008, depois ele foi afastado por doença e transferido para o Conselho de Administração. Afinal, Furnas é uma complexa empresa de geração de eletricidade, com muitas particularidades.

Muitas pessoas não querem ser nomeadas pelo salário que isso representa, mas sim pelo potencial que o cargo dá em termos de negociações, favorecimentos, informação privilegiada, manipulações, etc. Essas pessoas tendem a ter uma atuação política, ligado ao partido responsável pela sua nomeação. Provavelmente terão deficiências sérias para gerir devidamente a área sob sua responsabilidade. Quando essas pessoas são alçadas de dentro da empresa, elas terminam por esquecer suas origens e, por vezes, seus princípios.

Paulo Roberto Costa foi funcionário concursado da Petrobrás. Ele entrou em 1977 e chegou ao poder pelas mãos dos aliados do PT, que são o PP e o PMDB. Até 2002 ele não era ninguém importante. Em 2003, já na era PT, ele foi nomeado diretor de um gasoduto na Bolívia e em 2004 foi nomeado Diretor de Abastecimento, onde ficou até 2012. Durante a gestão de Sergio Gabrielli na presidência da Petrobrás, Paulo Roberto Costa chegou a ser presidente interino da Petrobrás em 24 ocasiões. Hoje ele está sendo processado na operação "Lava Jato", junto com o doleiro Youssef, com suspeitas de enriquecimento ilícito, envolvendo grandes quantias na Suíça.

Torna-se abstrato medir a qualidade da gestão na Administração Pública, quando não vemos diretamente seus serviços prestados. Há, no entanto, três bons exemplos de empresas que trabalham para o cliente final, onde percebemos a baixa qualidade dos serviços prestados: Infraero, Correios e Banco do Brasil. A Infraero não é preciso nem comentar.

(<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2014/08/12/despedita-de-solteiro-545729.asp>)

Os Correios, particularmente, tiveram uma piora sensível, tanto em prazo quanto confiabilidade, nos últimos anos. Qualquer pessoa que precisa dos Correios deve estar sentindo isso na pele.

O Banco do Brasil tem nota 4,8 no site "Reclame Aqui", atrás do Bradesco e Itaú. Em relação ao percentual de problemas resolvidos, também ficou atrás do Itaú e do Bradesco. Considerando a diferença grande de salários, seria de se esperar um salto de qualidade relativo aos outros bancos privados, o que não se verifica.

Para finalizar, há uma questão simbólica que mostra como a gestão tem sido relegada para segundo plano. A Dilma se vende como "gerentona", mas governa com 39 ministérios e faz reuniões muitas vezes lotadas de gente, que são completamente improdutivas, por definição. Fora a questão do desperdício de verbas, como alguém pode gerir um país com tantas pessoas para lidar diretamente no seu dia-a-dia?

VISÃO SOCIAL

Combate à Pobreza não é só Assistencialismo

As pessoas de esquerda se postam como defensores dos pobres e rotulam qualquer um que não concorde com suas ideias como inimigo dos pobres. O objetivo velado disso é convencer a população mais humilde que são eles e não os outros que mais estão do seu lado.

Essa visão é distorcida porque o Capitalismo em muitos lugares tem efetivas preocupações sociais, como acontece em diversos países da Europa. Além disso, não se ajuda aos pobres apenas dando dinheiro a eles, mas dando condições para que o país se desenvolva, crie mais empregos e, ao final, todos ganhem com o bolo maior.

O slogan do atual governo do PT é "*País Rico é País sem Pobreza*" e vale a pena investigar mais a fundo o quanto isso se aplica.

Uma lenda recorrente é que o PT criou o programa *Bolsa Família*. Na verdade, o FHC adotou o programa *Bolsa Escola* em 2001, que, em apenas 2 anos, beneficiou 5 milhões de famílias. Em 2003, o PT uniu vários programas sociais no chamado "*Bolsa Família*" e atende hoje 14,1 milhões de famílias.

Há algumas distorções no programa "*Bolsa Família*". Será válido dar um adicional para cada criança até um máximo de 5 crianças entre 0 e 15 anos e mais um valor adicional para até 2 adolescentes entre 16 e 17 anos, totalizando 7 filhos do mesmo casal? E o controle das fraudes? Há alguma perspectiva de inclusão efetiva dos beneficiados, além da mera ajuda?

O PT alega que o governo do FHC é um período perdido para o salário mínimo. Só que o salário mínimo dobrou durante o período FHC, indo de 100 para 200 reais com um aumento de 21,9% sobre a inflação IPCA do período e um aumento de 34,37% em relação ao preço da cesta básica.

No período Lula, o aumento real foi de 53,6%, efetivamente maior, e o da cesta básica foi de 53,7%. Só que a variação do PIB no período do Lula foi maior, (ver abaixo no item [Crescimento do PIB](#)), o que possibilita maiores aumentos para o salário mínimo.

Já nos anos Dilma, o aumento real do salário mínimo nos 4 anos de governo, usando o salário de 724 reais e uma meta de inflação 6,5%, ambos relativos à 2014, obtém-se a melhora de 12% em valor real, o está praticamente em linha com o que o FHC concedeu em 8 anos. Ou seja, o governo da Dilma e do FHC deram aumentos parecidos para o salário mínimo, sendo que o FHC enfrentou o grande desafio da estabilização da moeda.

Uma vez elucidada essa questão, é preciso analisar de forma objetiva se a era PT foi melhor do que a era FHC no combate à pobreza. Manter a objetividade é difícil porque a maioria das estatísticas pode ser manipulada. Verbas não valem, porque dependem da eficiência do gasto.

A Mortalidade Infantil, ou seja, o número de mortes até completar um ano de idade para cada 1000 nascidos, é um grande indicador para isso, porque é difícil de falsificar e reflete bem a questão da pobreza, pois fatores como saneamento básico, fome e doenças interferem nessa métrica.

A ideia é usar o ano de 1993, ano anterior ao Plano Real, 2002, último ano do FHC e 2013, que é o último ano que temos dados. Os dados são do *World Bank*.

Observa-se que o mundo todo tem melhorado muito. No período 1993-2002 (FHC) o Brasil melhorou 3,9% ao ano, contra 3,4% na América do Sul (excluindo-se a Argentina, Venezuela e Guianas) quase 15% a mais por ano. Já a era PT (2003-2013) melhorou 2,7% ao ano, contra 2,6% na América do Sul. Ou seja, praticamente o mesmo nível de melhoria.

Um dos fatores mais importantes para obter o resultado obtido pelo FHC deve ter sido o Plano Real, porque a inflação no Brasil já era crônica e nunca tinha sido debelada. Ela atinge de forma especialmente cruel os mais pobres que, com dinheiro na mão, não tem como proteger seu dinheiro da carestia até o final do mês.

Repare que a melhoria na era FHC descolou bastante do resto da América do Sul e do mundo.

Alguém poderia questionar esses argumentos dizendo que é mais fácil melhorar quando se parte de números piores, para justificar o ótimo desempenho relativo do FHC na mortalidade infantil. No entanto, isso não se verifica na prática.

Em 1993, países que tinham mortalidade similar ao Brasil de 2002 não melhoraram no mesmo nível brasileiro da era FHC. Em 2002, da mesma forma, quando se separa países com mortalidade similar ao Brasil, também não se visualiza nada especial no desempenho brasileiro no período 2002-2013.

Ou seja, mesmo quando se refere ao ponto mais sensível do PT, que é o combate à fome, a propaganda do PT não resiste à luz dos fatos. Qualquer governo precisa continuar os programas sociais, mas precisa ir além e dar condições para que o país cresça e todos se beneficiem.

Nossa Saúde Está Muito Doente

O SUS, que o PT tanto cita, não é invenção do PT. Suas bases foram estabelecidas na constituição de 1988.

Na teoria ele até funcionaria bem, na prática faltam recursos, não há foco em doenças crônicas como diabetes e hipertensão, há um sério problema na gestão dos remédios, as fraudes são recorrentes e a fiscalização é deficiente, por outro lado, a remuneração é irrealista o que estimula as fraudes, não há uma avaliação eficiente das unidades, as políticas de prevenção não são efetivas, há dificuldades no processo de triagem, faltam equipamentos e médicos de diversas especialidades e faltam sistemas de informação.

O governo FHC inovou na introdução dos remédios genéricos e na quebra de patente do remédio da AIDS, já o governo do PT não trouxe nada de realmente novo.

O PT, muitas vezes, cria dois mundos que não se falam: O mundo real, onde a vida acontece, e o mundo dos discursos. O tom ufanista e alheio ao que acontece em volta chega às raias do absurdo.

Diante da precariedade na Saúde, é um desrespeito ao povo ouvir essa declaração do Lula no IX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva de 2009: "*Se tivesse um SUS nos Estados Unidos como seria bom para os pobres. Na próxima conversa que eu tiver com o Obama, eu falo, 'Obama, faça o SUS' Custa mais barato e é de qualidade e é universal*". (<https://www.youtube.com/watch?v=JOPit0lCQg8>)

O Brasil não investe pouco dinheiro. São em torno de US\$ 1.125 por pessoa, mais que muitos países prósperos. No entanto, o resultado em expectativa de vida ainda é pífio. No ranking da *Bloomberg* de Saúde publicado em 2013, o Brasil é o país pior colocado de 48 países, atrás de Chile, Argentina, Uruguai, Colômbia, Peru e México. Mesmo com tanto gasto, o resultado continua sendo fraco. Como sempre, se gasta muito e mal. (<http://www.bloomberg.com/visual-data/best-and-worst/most-efficient-health-care-countries>)

Muitos dos hospitais federais estão em estado extremamente precário. No *YouTube* é possível achar dezenas de vídeos. Um exemplo marcante é o hospital universitário da UFRJ, que está em estado lamentável, ainda que a UFRJ tenha sido avaliada em 2013 como a segunda melhor faculdade de

Medicina do país. Esse vídeo de outubro de 2011 mostra uma situação bem precária (<https://www.youtube.com/watch?v=-5NokFCIn1s>), sendo que 2 anos depois a situação continua a mesma (<http://www.cremerj.com.br/informes/exibe/2231>).

O governo faz muito estardalhaço e realiza pouco. O PAC 2, programa lançado pela Dilma em 2007 previa 24 mil ações na saúde das quais cerca de 11% foram concluídas. (<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/03/cfm-diz-que-so-11-das-acoes-de-saude-do-pac-2-foram-concluidas.html>)

Um fato novo é a progressiva deterioração dos planos de saúde privados. Está cada vez mais difícil marcar consultas e exames e o atendimento de emergência está cada vez pior. O governo reage ainda timidamente a esse quadro grave onde se assiste impassível a saúde privada piorar e se assemelhar cada vez mais ao SUS, ao invés do contrário.

(<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/07/o-colapso-do-sistema-de-saude-no-brasil-4199504.html>)

A saúde do Brasil está gravemente doente e não com padrão de primeiro mundo, como diz o Lula.

Educação não são Apenas Números

O governo do PT adora números. Números podem levar a pensar que tudo está bem. Há, de fato, muitos alunos, muitos universitários e investe-se um volume razoável de recursos. Isso é suficiente?

Não precisamos apenas de estatísticas que demonstrem que as pessoas são alfabetizadas, terminaram o segundo grau ou a universidade. Precisamos de pessoas preparadas, educadas, com capacidade de promover o desenvolvimento de um país. Isso se traduz em qualidade.

Um estudo do Instituto Paulo Montenegro de 2011-2012 revela que 27% da população entre 15 e 64 anos são analfabetos funcionais e apenas 1 em cada 4 atinge um nível pleno de habilidades de leitura, escrita e matemática, número esse que não evoluiu nada nos últimos 10 anos. (http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por).

Muitas pessoas vão avançando sua escolaridade, mas com muito pouco aproveitamento real. Apesar de formalmente não haver aprovação obrigatória, na prática encontra-se muitas pessoas com segundo grau ou terceiro grau, totalmente despreparadas. Além disso, há um problema sério de qualificação e baixa remuneração dos professores, sendo a profissão muito pouco valorizada no Brasil.

Informações da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* do IBGE mostra que apenas metade dos jovens com idade entre 15 e 17 anos está matriculada no ensino médio. Além disso, entre 1999 e 2011, a taxa de evasão nesta faixa saltou de 7,2% para 16,2%. (http://www.istoe.com.br/reportagens/326686_O+MAIOR+PROBLEMA+DA+EDUCACAO+DO+BRASIL)

O currículo é inchado, com detalhes demais e muitas disciplinas para tempo de menos, não há também um programa de ensino técnico integrado a essa etapa escolar. Mais a mais, o ensino médio não atende às expectativas e às necessidades dos jovens. Falta estimular à cidadania, a consciência social e ambiental, a criatividade, o empreendedorismo, a inteligência social, o debate sobre os problemas da atualidade, etc.

O governo quer colocar as crianças em tempo integral, mas falta estrutura básica em muitos lugares para oferecer mesmo condições minimamente decentes para as crianças em meio período. O governo repassa recursos para os estados e municípios, mas a fiscalização é deficiente e o desvio de verbas é imenso. O cenário é bastante precário (<https://www.youtube.com/watch?v=DtvpC19cJg>)

Os resultados no ensino até o segundo grau são pífios porque o Brasil continua na rabeira do ranking da PISA, a mais prestigiada métrica mundial de educação. A última avaliação foi em 2012 com Brasil ficando em 57o lugar de 65 países, na frente da Argentina, Colômbia e Peru, mas atrás do Uruguai, Chile, Costa Rica e México. (<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm>)

O governo declara que não há mais um vestibular clássico, como se o ENEM não fosse um vestibular. A partir de 2013, O ENEM se tornou mais factual e detalhista, se aproximando mais ainda dos vestibulares de antigamente. Outro problema decorre do excesso de centralização. O mesmo exame é

aplicado de uma vez só no Brasil inteiro; a correção da redação se torna uma tarefa inglória, o que torna a avaliação muito subjetiva e aleatória, com prejuízo aos vestibulandos.

O sistema de cotas é polêmico, particularmente relativo às cotas raciais, que terminam sendo um convite à fraude, porque ela é apenas declaratória. Há muitas denúncias de brancos entrando para o sistema de cotas e burlando o sistema. Seria talvez preferível investir em mais escolas públicas de ponta, cujo ingresso se dê por mérito, como o Pedro II no Rio e manter a meritocracia como único critério de entrada nas universidades públicas, ou então, limitar as cotas a um percentual menor ligado às escolas públicas.

No ranking *Universitas 21* envolvendo 50 países, divulgado agora em 2013, o Brasil aparece na 41ª posição, atrás da Argentina e do Chile. Esse ranking avalia cada país nos quesitos recursos, ambiente, conectividade e produção científica. (<http://www.prnewswire.com/news-releases/ranking-reveals-worlds-top-countries-for-higher-education-206676221.html>)

Ou seja, alguns poucos números superficiais são aceitáveis e há recursos, mas Educação no Brasil parece ser uma das últimas prioridades, quando se examina mais detidamente.

ECONOMIA

O PIB está à Deriva

O PIB (soma de tudo que um país produz) brasileiro é bastante relevante porque ele aumenta o tamanho do bolo. Quando se cresce menos, há menos dinheiro na economia, mais dificuldade de rolar a dívida e uma crescente ameaça de desemprego e recessão.

O PIB não é o único indicador importante, mas o governo atual faz muito marketing com essa questão, especialmente durante o governo Lula. Várias vezes ele se referiu ao PIB como PIBÃO, como uma forma irônica de declarar que o PIB dele tinha sido maior.

Os dados abaixo são do site *World Bank*, considerando o período FHC entre 1994 e 2002, contando desde o início do plano real, os anos Lula (2003-2010) e os anos Dilma (2011-2014). Em 2014, utilizou-se a previsão do mercado para o PIB de 1%.

Nos anos Lula, o aumento médio do PIB foi de 2,6% no período FHC, 4,1% no período Lula e 1,8% no período Dilma. Para comparar de forma justa nada melhor do que pegar os dados da América do Sul, porque ela é predominantemente exportadora de *commodities* e tem proximidade geográfica e cultural ao Brasil. O tamanho do PIB de cada país não é tão relevante porque se está falando de crescimento percentual.

O PT divulga algumas propagandas onde compara o PIB do Brasil no governo Dilma às maiores economias do mundo, alegando que, quanto o maior o PIB, mais difícil é ele crescer. Isso é falso e não só por causa da China, o segundo PIB do mundo: pelo que levantei, a correlação do PIB de 2013 sobre o crescimento do PIB em 2013 é virtualmente nula, o que demonstra que o percentual de crescimento do PIB não está relacionado ao tamanho do PIB.

Quando se usa a América do Sul, é conveniente excluir a Argentina e Venezuela; pelas instabilidades recentes. Em 2002 a Argentina caiu 10,9%, após queda consecutiva do PIB de 3 anos. Entre 2003 e 2005 subiu a uma média de 9%. A Venezuela caiu 9% em 2002 e 6% em 1999, e subiu 14% entre 2004 e 2005, recentemente o PIB parou simplesmente. Além disso, desconsiderou-se a Guiana, por ser um país de língua inglesa, com outra realidade.

Nos mesmos períodos, esses países em média cresceram 2,8% no período FHC, 4,8% no período Lula e 5,2% do período Dilma. Sendo assim, no tempo do FHC o Brasil ficou 0,2% abaixo, no período Lula 0,7% abaixo e no período Dilma 3,4% abaixo, todos eles em relação ao resto da América do Sul.

Realmente no período Lula, em termos absolutos o PIB cresceu mais que o período FHC, mas números absolutos não dizem muita coisa, pois temos que comparar com o ambiente em volta, tendo em vista que o mundo é uma entidade que se alimenta da relação com outros países.

Já o período Dilma tem sido tão fraco em termos de PIB, que mesmo em números absolutos está 0.8% abaixo do período FHC. Em termos relativos à América do Sul, então nem se fala.

Aqui está um quadro que mostra o crescimento do PIB, país a país da América do Sul.

Região	Correl c/ Am.Sul	FHC-1	FHC-2	Lula	Dilma
América do Sul		-1,6	1,6	-0,9	-2,5
Bolívia	0,81	-1,7	0,4	-0,7	-2,3
Chile	0,69	-3,7	-0,2	-0,4	-2,0
Colômbia	0,80	-0,4	1,1	-1,1	-1,7
Ecuador	0,67	-0,1	1,0	-0,7	-1,9
Paraguai	0,78	-0,6	3,3	0,3	-4,0
Peru	0,81	-3,0	-0,1	-2,5	-3,5
Uruguai	0,74	-1,9	6,0	-1,2	-2,4
Argentina	0,68				
Venezuela	0,48				
Mundo	0,41				
BRICS (sem Brasil)	0,21				

O período melhor para o PIB foi colorido de azul escuro, que corresponde ao segundo período do FHC, em todos os casos. O segundo melhor, azul claro, geralmente está na era Lula. O segundo pior, rosa claro, foi o primeiro mandato do FHC, com o Plano Real.

Cabe ressaltar que o Brasil teve grande impacto para conseguir emplacar a nova moeda no plano Real, que exigiu controle do câmbio, o que prejudicou as exportações, além da necessidade de se manter os juros elevados. Isso prejudicou muito nos primeiros anos o crescimento do PIB no Brasil.

O pior período, rosa escuro, foi praticamente sempre o período da Dilma.

Em suma, a propaganda do Lula relativo ao PIBÃO é completamente enganosa.

Cada Vez mais Dívidas

Sempre se critica o FHC por aumentar a dívida interna (tudo o que país deve internamente para credores nacionais ou estrangeiros) e a dívida externa (tudo o que o país - governo, empresas públicas e privadas - deve para entidades de fora). O governo do PT se coloca como sendo o governo que está equacionado as contas externas e alavancando suas [Reservas Cambiais](#). (tudo que o país acumula de divisas estrangeiras)

Essa é uma das obras de ficção mais bem urdidas do governo, que tem enganado mesmo pessoas preparadas. Vale a pena apurar o que existe por baixo das aparências, usando os próprios dados do Banco Central, IPEA e Siga Brasil do Senado, com alguma sutileza.

Itamar Franco, então presidente, nomeou Fernando Henrique Cardoso como Ministro da Fazenda em maio de 1993. Em Junho de 1993, a inflação acumulada dos últimos 12 meses alcançou 4.922%. O plano Real, que debelou essa hiperinflação, foi disparado em 27 de Fevereiro de 1994. FHC iniciou seu governo em 1995, já em plena vigência do Plano Real.

Por exemplo, tomemos o mês de junho de 1993, que teve uma inflação de 47,4% medida pelo IPCA. Suponha que o arroz inicie o mês a R\$ 1 por quilo. No início do mês, 100 reais compram 100 kg de arroz. No final do mês, os mesmos 100 reais só compram um pouco mais do que 67 kg de arroz, cujo quilo custa agora R\$ 1,47! Como é que uma pessoa, que nem tem acesso ao sistema bancário, consegue proteger seu dinheiro? Como um empresário, de qualquer porte, consegue planejar seu negócio?

Era fundamental para o sucesso do Real, que ele adquirisse credibilidade global para perdurar, assim o governo foi compelido a formar grandes reservas cambiais em dólar no exterior. As reservas cambiais ajudaram a proteger a nova moeda e controlar o câmbio. A estabilidade do câmbio foi importante para evitar que esse pressionasse a inflação, quando o Real estava ainda muito recente. Isso provocou déficit em transações correntes, ou seja, mais dinheiro estava saindo do país do que entrando em bens, rendas, transferências e serviços.

Para que isso não impedisse a captação de recursos externos, o governo teve que adotar taxas de juros elevadas. Essas duas medidas terminam por pressionar a dívida interna, que aumentou em torno de 4 vezes em dólar, enquanto a dívida externa cresceu 43%.

O ganho para o país foi imenso, uma vez que a hiperinflação é extremamente cruel para os mais pobres e muito desarticulador para a economia de um país.

A privatização dos bancos estaduais foi também um importante fator para conter a sanha de governos estaduais, que criavam recursos a partir do nada, para gastar em seus estados. A Lei da Responsabilidade Fiscal, que impunha um limite de gastos à administração pública, foi outra medida essencial, para ajudar a conter os gastos sem limites.

A crise da Ásia de 1997 e a crise da Rússia em 1998 foram golpes duros para o Brasil, porque abalou a fé dos investidores nos países emergentes e os pressionou a sacar suas posições do Brasil, candidato à bola da vez, em virtude de sua recente hiperinflação. Isso pressionou muito o dólar e o governo acabou tendo que liberar o câmbio, após gastar o que pode das reservas. Houve aqui um erro de avaliação, pois o governo poderia ter liberado o câmbio um pouco antes.

A grande subida do dólar terminou por provocar uma inflação maior nos anos seguintes, porque o dólar influi muito no preço de diversos produtos. Todos os fatos acima, tendo em vista o Plano Real e as duas crises mundiais de 1997 e 1998, tornam difíceis a comparação direta, sem levarmos em conta o contexto.

Quando Lula assumiu em 2003, ele deu continuidade inicial à política macroeconômica, na era Palocci. A mídia noticiou em 2005 a quitação da dívida brasileira com o FMI com dois anos de antecipação. Lula em 2009 chegou a declarar "*Você não acha muito chique o Brasil emprestar dinheiro para o FMI? ... "Nós temos que entender que, embora tenha problemas, o Brasil tem condições de ajudar os países mais pobres"* (http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1070863-9356,00-VOCE+NAO+ACHA+CHIQUE+O+BRASIL+EMPRESTAR+PARA+O+FMI+DIZ+LULA+EM+LONDRES.html).

Só que, na verdade, a dívida externa nunca chegou a ser paga, o pagamento feito só se referia à pequena parcela do FMI, o que respondeu a uma diminuição de apenas 6,5% na dívida externa. Para Lula importava a questão de não depender mais da chancela do FMI, mesmo que isso tenha um custo, devido ao fato de incidir um juro sobre a dívida externa bem menor do que sobre a dívida interna.

Os credores começaram a migrar seu capital especulativo para o Brasil, que pagava juros mais compensadores. Assim a dívida interna passou a crescer muito mais rápido que a dívida externa. Ela dobrou em 11 anos de governo do PT, descontada a inflação.

Outra atitude do governo do PT foi no sentido de aumentar as reservas cambiais a um ritmo muito forte, fato que foi muito divulgado nas suas campanhas. Só que, na verdade, essa ação não compensou, porque estava se trocando uma aplicação de baixo rendimento (juros americanos) por dívidas com juros altos (juros internos), ou seja, o Brasil, com o aumento das reservas cambiais, está comprando endividamento. Estima-se, por baixo, que a perda com a manutenção das reservas cambiais alcance 65 bilhões de reais anuais. (<http://jornalggn.com.br/noticia/reservas-internacionais-custam-r-65-bilhoes-por-ano>).

Em 2009, Lula declarou "*Não só pagamos a dívida externa, como acumulamos reservas de 215 bilhões de dólares"* (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/09/lula-pede-apoio-da-populacao-para-aprovacao-do-petro-sal-2644542.html>), só que a dívida externa estava lá, quase intacta.

No final de 2013 as reservas cambiais alcançaram US\$ 362,4 bilhões e a dívida externa bruta alcançava US\$ 482,8 bilhões, segundo o BC, ou seja, um pouco mais do dobro do início da era PT. Só que, ao contrário do imaginário popular, apenas uma parte dessas reservas poderia ser efetivamente utilizada, já que uma boa parte é de origem privada.

O mais grave é que no BC existem dois números distintos para a Dívida Externa Bruta: a metodologia antiga (<http://www.bcb.gov.br/?seriedebh>), com o valor referido, e a metodologia nova (<http://www.bcb.gov.br/?ECOIMPEXT>) (aba "Quadro 51"), que é o valor divulgado para o mercado. Nesse caso, a dívida externa cai para 308,6 bilhões de dólares, portanto o Brasil teria 53,8 bilhões de dólares sobrando em reservas cambiais, acima da dívida externa.

O BC diz vagamente que o número maior inclui os empréstimos intercompanhias, ou seja, traduzindo, isso se refere a transações feitas geralmente entre as filiais de multinacionais no Brasil e suas sedes. Só que as reservas cambiais incluem os valores privados, assim sendo o saldo credor de US\$ 53,8 bilhões é completamente fictício. As manchetes são esquizofrênicas:

Correio Brasiliense: "*Dívida externa bate recorde: US\$ 482 bilhões; débitos aumentam 37%*"
http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2013/12/27/internas_economia,405347/divida-externa-bate-recorde-us-482-bilhoes-debitos-aumentam-37.shtml e

GGN: "Dívida externa bruta sobe para US\$ 312 bilhões" (blog chapa-branca do Luís Nassif)

<http://jornalggn.com.br/noticia/divida-externa-bruta-sobe-para-us-312-bilhoes>

Só que em nenhum momento o governo faz qualquer ressalva em relação ao valor divulgado (que, aliás, depois caiu para US\$ 308,6 bilhões). Na série antiga, perdida em um canto do site do BC, eles incluem discretamente a rubrica "Inclui investimento direto: empréstimos intercompanhias" no topo dos dados da planilha. Assim eles se isentam de responsabilidade.

Só que essa estratégia induz os analistas ao erro, como em trechos, transcritos abaixo, que se torna uma peça de ficção.

(<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/01/divida-externa-tem-pequeno-recuo-em-2013-revela-banco-central.html>):

"Ao mesmo tempo, o Banco Central lembra que as reservas internacionais brasileiras somaram US\$ 375,79 bilhões no fechamento de 2013... as reservas continuam, deste modo, acima do patamar da dívida externa do país. Segundo os números do BC, o Brasil continua sendo, assim, credor líquido, por ter mais ativos (reservas internacionais) do que passivos (dívida externa)"

Mudando de assunto: quem tem experiência empresarial sabe que pior do que o montante da dívida é gerir o serviço da dívida, ou seja, o desembolso anual necessário para rolar a dívida.

Só o gasto com o serviço da dívida e o refinanciamento consumiram 718 bilhões em 2013, o que corresponde a 40,3% de todo o orçamento federal. Nesse ano, a previsão é gastar 42% de todo o orçamento só com a dívida. Esse levantamento, apresentado sob a forma de pizza, tem sido elaborado todos os anos pela organização "Auditoria Cidadã da Dívida" a partir de uma compilação de dados publicamente disponíveis. (<http://www.auditoriacidada.org.br/e-por-direitos-auditoria-da-divida-ja-confira-o-grafico-do-orcamento-de-2012/>)

Para piorar, existe uma proporção importante da dívida interna que está atrelada a outras taxas de juros, desvinculada da SELIC, que é mais uma complicação na gestão macroeconômica do governo. Segundo o BC, em junho de 2014, a dívida interna bruta alcançou R\$ 2,8 trilhões, em metodologia adotada a partir de 2008, ou R\$ 3,2 trilhões na metodologia antiga.

A **Balança Comercial**, saldo entre exportações e importações, começou a se deteriorar depois da crise de 2008, em 2013 alcançou apenas 2,6 bilhões de dólares, mesmo com a decisão do governo de contabilizar como exportação US\$ 7,7 bilhões obtidos com a venda de plataforma de petróleo que foram alugadas e nunca saíram do Brasil. Esse tipo de artifício tem sido usado desde 2004 e é mais uma maquiagem. Esse déficit tem relação à queda de produção de petróleo em 2013, aliada à necessidade de importação de combustíveis. O primeiro semestre de 2014 apresentou um déficit da Balança Comercial de 2,5 bilhões de dólares. (<http://br.advn.com/jornal/2014/01/brasil-balanca-comercial-registrou-em-2013-seu-pior-desempenho-dos-ultimos-treze-anos>). A defasagem acumulada do dólar em relação ao real estimada em 15% é um fator que atrapalha as exportações, prejudicando a Balança Comercial. (<http://leia.se.com.br/gestao-publica-e-desenvolvimento/>).

A **Balança de Pagamentos** é uma conta mais abrangente, que reflete todas as trocas com o exterior sendo composta do **Saldo de Transações Correntes** (composto da balança comercial, balança de serviços, rendas e transferências), somado ao saldo de investimentos. Em 2013, o Déficit de transações correntes (US\$ 81,4 bilhões) foi disparado o maior da história, desde o início do seu registro, o que superou o saldo positivo de investimentos, portanto houve um déficit na balança de pagamentos, o que diminuiu as reservas brasileiras em US\$ 5,9 bilhões, pela primeira vez desde 2000.

Há risco da taxa de juros subir nos Estados Unidos em 2015, em virtude da recuperação econômica acima da expectativa nos EUA. Esse fato estimularia a saída de dólares do Brasil e a queda nos investimentos externos, fatores que contribuiriam para piorar a balança de pagamentos, pressionar o câmbio e a inflação.

Durante o primeiro mandato do Lula, o **Superávit Primário**, diferença entre receitas e despesas do governo fora o serviço da dívida, foi de 3,5%, que é ligeiramente superior em relação ao segundo mandato do FHC (3,3%), mas começou a cair no segundo mandato (2,9%), chegando ao nível mais baixo no governo Dilma (2,5%), mesmo com alguma maquiagem. (veja tópico de **Contabilidade Criativa**).

Afastando-se da meta histórica de 3,3%, o governo Dilma está enfrentando sucessivas quedas do superávit primário: 3,1% em 2010, 2,7% em 2011, 2,4% em 2012 e 1,89% em 2013, sendo que no primeiro semestre de 2014 está em 1,2% do PIB.

O saldo do superávit primário é usado para o pagamento de juros e amortizações da dívida. Se esse valor for negativo (**Déficit Nominal**) significa que o Brasil tem captar mais empréstimos ou emitir moeda, que é o que tem acontecido nos últimos anos. O Déficit Nominal em 2012 foi 2,49% do PIB, elevou-se para 3,26% do PIB em 2013 e 3,61% em 2014.

Um das grandes e inabaláveis peças de marketing do governo atual para o público mais bem informado é a constante queda da dívida líquida do setor público (DLSP), ainda que o FMI recomende gerir pela relação entre a dívida bruta e o PIB. No entanto, a redução da dívida líquida termina sendo uma questão menor, uma vez que o dispêndio de juros sobre a dívida bruta é muito maior que o rendimento do ativo que o desconta.

Para agravar, nos últimos 3 anos a redução do crescimento do PIB e a diminuição do superávit primário fez com que a dívida fiscal líquida (DFL), vinculada apenas à política fiscal, passasse a crescer, enquanto a DLSP continuava caindo. Essa "mágica" basicamente acontece por vendas extemporâneas de ativos, mas o maior fator para isso se deve a fortuitas variações cambiais! (<http://www.brasil-economia-governo.org.br/2011/09/12/divida-bruta-e-ativo-do-setor-publico-sao-imprescindiveis-para-se-avaliar-o-equilibrio-fiscal/> e <http://www.brasil-economia-governo.org.br/2013/10/14/divida-liquida-do-setor-publico-decrescente-significa-politica-fiscal-sob-controle/>)

Como em outras áreas, a propaganda do PT se colocando como grande saneador do problema da dívida passa bem longe da verdade, especialmente após mudanças na política econômica brasileira a partir da crise ("marolinha") de 2008 (<http://www.unicam.org.br/uniartigos.asp?id=32>) e agravado pela confusão gerada por diferentes fontes de informação, existentes dentro do próprio site do BC.

Basta de Contabilidade Criativa!

Como já deu para perceber claramente no tópico acima, há um grave problema no governo do PT: de alguns anos para cá, adotou-se estratégias para maquiagem os números de economia, de forma similar à Argentina, embora talvez ainda não de forma tão intensa.

Um sintoma é que quando se busca dados no IPEA Data, site do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) ou Banco Central, muitas séries importantes deixaram de ser atualizadas ou não seguem um padrão claro. Várias métricas tiveram mudanças na metodologia de cálculo, incluindo a dívida pública e a dívida externa. (<http://visaopanoramica.net/2013/08/17/as-maquiagens-da-divida-publica-brasileira/>)

O IBGE, por exemplo, mudou a forma de sua mensuração em 2006 do PIB, o que aumentou o crescimento do PIB de 2,9 para 3,7% em 2006. (<http://contavel.com/index.php?page=pib>)

Em 2012 a Dilma só atingiu a meta do Superávit Primário após omitir algumas despesas em infraestrutura, antecipar dividendos de estatais e sacar valores do Fundo Soberano, uma espécie de poupança para o longo prazo. Esse fato inclusive foi noticiado na revista *The Economist*. (<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,the-economist-critica-contabilidade-criativa-do-brasil,141059e>). Há indícios que a mesma estratégia já foi usada antes. Até o próprio TCU se manifestou em relação às contas do governo, relativo ao ano de 2012. (<http://www.blogdajoice.com/tcu-faz-22-ressalvas-nas-contas-de-dilma/>). Outra técnica insidiosa que tem sido feita é retardar repasses obrigatórios no final do ano para aumentar o Superávit do ano que se encerra.

De forma similar, a contenção forçada do preço da gasolina, que acumula uma defasagem de mais de 20%, ajuda a segurar a inflação. O governo também está manipulando a incidência de impostos em produtos que fazem parte da cesta que mede a inflação.

(<http://www.alertatotal.net/2013/12/manipulacao-da-inflacao.html>)

Adicionalmente, no início de 2013, reduziu-se a tarifa de energia elétrica artificialmente, mas depois foi preciso subsidiar as empresas de energia elétrica, para evitar que a conta subisse, devido à crise energética. Os níveis de nossas hidrelétricas estão baixos, porque não houve investimentos suficientes, o que obriga as empresas a usar energia das centrais termoeletricas, que é bem mais cara. (<https://br.noticias.yahoo.com/risco-tarifa-2015-n-saiu-radar-230000819--finance.html>)

Em um movimento oposto, o IBGE mudou a metodologia de cálculo de desemprego para incluir mais cidades no cálculo, mas quando o governo soube que o índice aumentou de 5,4% para 7,1% (2013), ele chegou a pressionar para voltar atrás, mas acabou cedendo, e os números chegaram a ser divulgados (<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/04/1440749-primeira-divulgacao-pelo-ibge-de-indice-de-desemprego-irritou-governo.shtml>). No entanto, continua prevalecendo o número menor, apurado somente em 6 regiões metropolitanas, que contrasta com o grande aumento de gasto com o seguro desemprego nos últimos anos.

O PT vive falando que a taxa de desemprego brasileira é uma das mais baixas do mundo, que até quando o PIB não cresce tanto, as pessoas têm emprego. Será verdade? A DIEESE também publica uma taxa de desemprego que em junho desse ano ficou em 10,8%, bem acima do valor do IBGE, cujo último número é parcial, por causa da greve, ficou em torno de 4,6% em junho, na média de 4 regiões metropolitanas.

Os critérios da estatística de desemprego do IBGE são muito questionáveis. Qualquer trabalho temporário ("bico"), mesmo ocasional, é considerado como empregado. A pessoa que estava procurando emprego há tempos e desistiu temporariamente não é considerado desempregado.

Quando aumenta o número de pessoas que deixam de procurar emprego, o desemprego cai porque incide sobre a população economicamente ativa. (<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1832>). Esse fenômeno é justamente o que tem acontecido nos últimos meses aqui no Brasil.

Leandro Roque, editor do site *Mises Brasil*, fez um levantamento rigoroso com os dados brutos do IBGE e concluiu que uma mensuração justa do desemprego em outubro de 2012 seria de 20,8%, quase o dobro do número da DIEESE e mais compatível com a realidade que se observa à nossa volta. (<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1471>).

Manipulação de dados econômicos é algo perverso, porque mata totalmente a transparência e pode ser o primeiro passo na direção de algo ainda pior.

Em março desse ano a Standard & Poor's rebaixou a nota do Brasil de BBB para BBB-, degrau mais baixo de recomendação para investimento, medida que se choca com a imagem rósea vendida pelo atual governo.

A Volta do Monstro da Inflação

No primeiro mandato do FHC, havia uma pressão residual do período inflacionário, que resultou em uma inflação anual média de 9,4% que caiu no segundo mandato para 8,8%. Lula reduziu para 6,4% no primeiro mandato do Lula para 5,1% no segundo mandato.

A primeira vista, isso indica que Lula obteve mais sucesso no combate à inflação, só que em 2003 o Plano Real estava estabilizado e longe da pressão que o Brasil sofreu inicialmente por conta do resíduo do período hiperinflacionário seguido da valorização do câmbio, decorrente, como já referido, da fuga de dólares do país, a partir das crises internacionais de 1997 e 1998.

No governo Dilma, a inflação voltou a subir ficando em 6,1% nos três primeiros anos e está com tendência de alta. Em junho desse ano, a inflação de produtos sem concorrência com importados fechou em 7,63% e a inflação de serviços está em 9,2%.

Parte do problema se deve à pressão do governo sobre o Banco Central para abaixar a taxa de juros em um ritmo mais intenso do que a economia poderia suportar, e isso continuou, mesmo depois que a inflação começou a acelerar.

Depois de algum tempo, quando se percebeu que o aumento da inflação não era algo temporário, o governo voltou a aumentar a taxa de juros, mas o mal já estava feito. Outra questão é que a falta de confiança está inibindo o investidor a aumentar a oferta, o que poderia aliviar a inflação.

Como se não bastasse, ao invés de trabalhar nas causas, o governo tenta estimular as pessoas a consumir mais, só que através de medidas cosméticas e setoriais de desoneração de impostos, que diminuem a receita do governo e provoca desequilíbrios, porque não é uma medida estrutural.

Uma das áreas beneficiadas é justamente o setor automobilístico, que é algo contraditório porque esses mesmos recursos dos impostos poderiam ser aplicados para melhorar o caos da mobilidade urbana e não para estimular a colocar ainda mais carros nas já congestionadas ruas.

Ainda assim, a indústria de veículos e correlatos apresentou uma queda de 16,9% no primeiro semestre de 2014 em relação ao primeiro semestre de 2013, sendo que a indústria como um todo caiu 2,6%.

Para agravar a questão da inflação, poucos sabem, mas mais da metade dos empréstimos são concedidos a um juro menor que o oficial, através do chamado "crédito direcionado", que são empréstimos subsidiados ao setor rural, setor imobiliário, setor exportador; dentre outros. Esses empréstimos são feitos por instituições como a Caixa, Banco do Brasil e BNDES. (<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1854>).

Dessa forma, a torneira da taxa de juros passa a ser ineficaz, devido ao grande número de exceções. Ou seja, alguns beneficiados literalmente poderiam ganhar dinheiro pegando empréstimo, uma vez que, se eles simplesmente aplicarem o valor do empréstimo, ganham dinheiro com a diferença das taxas.

Para piorar, o Banco Central está atuando desde meados do ano passado no câmbio, inicialmente para evitar altas exageradas no dólar e agora como arma contra a inflação, ao segurar a cotação da moeda norte-americana. O FMI estima que o dólar teria que valorizar em torno de 13% para compensar a valorização artificial do real. (<http://leibase.com.br/gestao-publica-e-desenvolvimento/>).

As perspectivas futuras de inflação indica elevação em relação aos níveis atuais, em função das tarifas defasadas da gasolina e da energia elétrica, que deverão sofrer um reajuste considerável em 2015, explodindo no colo do próximo governo. No caso da energia elétrica, especialistas estimaram o aumento em 24% para 2015, enquanto o governo fala em 14%.

(<http://oglobo.globo.com/economia/com-mais-um-socorro-eletricas-conta-deve-subir-24-em-2015-13332992> e <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/07/bc-sobe-para-14-previsao-de-alta-da-energia-eletrica-neste-ano.html>)

Inflação é outra área que quando examinada de perto exhibe uma realidade bem diferente da propaganda petista.

Investimentos são Anêmicos

O Brasil sempre investiu pouco em infraestrutura. Isso é um fato que todos concordam. Os economistas dizem que o Brasil precisaria investir por volta de 4,5% do PIB ao invés dos 2% atuais. Para sequer manter a infraestrutura atual, precisaria pelo menos 3%.

(<http://brasileconomico.ig.com.br/brasil/economia/2014-05-02/infraestrutura-precisa-de-r-2-tri-em-20-anos.html>)

O governo criou o conceito do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) que seria um grande programa de investimento em infraestrutura. O PAC já teve duas edições, só que infelizmente terminam sendo muito mais uma peça de marketing, do que ação real.

O primeiro PAC foi anunciado em 2007 e previa investimentos de 500 bilhões até 2010. Muitos investimentos, que eram independentes do PAC, foram incorporados para dar musculatura ao plano. Das 42 grandes obras anunciadas em abril de 2007, apenas metade estão em operação até hoje, sendo que o custo estimado sofreu um acréscimo de 100 bilhões.(<http://oglobo.globo.com/brasil/governo-patina-em-grandes-obras-do-pac-prazos-nao-sao-cumpridos-9027226>)

Depois de um aumento em 2008 para 2,46%, no ano seguinte ao PAC, os investimentos em infraestrutura caíram para 2,09% do PIB em 2011, contra 2,29% em 2010 e finalmente 2,1% em 2013, sendo que a projeção para 2014 é de apenas 2%.

Um levantamento da ONG Contas Abertas mostra que até o final de 2013 mais da metade das 49 mil ações no valor de 1,59 trilhões anunciadas com estardalhaço no lançamento do PAC 2 em 2010 não tinham saído do papel. (<http://veja.abril.com.br/infograficos/pac-2/index.shtml> e <http://www.contasabertas.com.br/website/noticia/pac2>)

Outro problema relacionado à questão de investimentos refere-se à política intervencionista do atual governo. Um exemplo é a MP 579 que mudou a regra de concessões de energia elétrica, que, na prática, tem reduzido os investimentos privados na área de geração de energia, justamente em meio a uma crise energética agravada pela falta de chuvas e com utilização intensificada das caras

termoelétricas. Agora o governo tenta minorar o problema das distribuidoras com vultosos empréstimos, em parte subsidiados, que terão que ser pagos pelo consumidor, por meio de reajuste das tarifas.

Além disso, o Brasil continua sendo um país muito mal ranqueado em qualidade do ambiente para negócios, que mede quesitos como burocracia, complexidade das leis, velocidade, questões jurídicas, etc. No ranking *doinbusiness.org* divulgado pelo *World Bank*, o Brasil está 116o lugar de 189 países na frente da Venezuela, Argentina, Bolívia e Equador, mas atrás de todos os outros países da América do Sul.

Resumindo, existe descontrole das contas públicas impedindo uma melhoria do nível de investimentos, o custo da máquina continua aumentando e o ambiente não é o mais propício para investimentos. Ou seja, muitos planos e promessas ficam no papel e pouca coisa termina sendo feita.

O PAC é um dos exemplos mais bem acabados do estilo do PT de "resolver" os problemas do Brasil pelo marketing, ao invés de enfrentá-los na vida real.

Governo Gasta Demais e Pouco Aparece

A **Carga Tributária**, relação entre impostos cobrados e o PIB, já era alta no final do governo FHC (32,35%). Só que, ao invés de diminuir, aumentou ainda mais, chegando a inacreditáveis 36,42% em 2013, mesmo com as desonerações em alguns setores. Esse valor só é superado na América Latina pela Argentina, o que não é propriamente um modelo a ser copiado.

Para piorar, nossa legislação tributária, repleta de distorções, é uma das mais complexas do mundo, além de permitir que exista uma guerra fiscal entre estados. Além disso, o governo gasta mal, ou seja, pouco é retornado para a população em serviços de qualidade, como vimos acima na Saúde e Educação. Os recursos não chegam a ser vastos, mas o resultado qualitativo obtido é bem fraco.

Como a situação das contas públicas está deteriorada é difícil diminuir a carga tributária a curto prazo. O foco no combate à sonegação (estimada em 25%) e a reanálise das renúncias fiscais poderiam gerar um importante adicional de receita,

O tamanho da máquina (**Despesas Correntes** do governo, que são as despesas de custeio como gasto de pessoal, consumo, serviços acrescidas das subvenções sócias e econômicas) aumentou em 3% sobre o PIB, em comparação ao final do período FHC, o que é bastante significativo, quando se fala em meta de superávit primário de 3%, sendo que parte das despesas está sendo disfarçada por empréstimos, oriunda de bancos estatais. (http://www.darcyfrancisco.com/arquivos/A_economia_nao_vai_bem.pdf).

Há uma imagem ingênua, que a propaganda do PT por vezes transmite, sem falar explicitamente, que o governo tem a chave do cofre, que ele pode abri-lo, pegar seu saco de bondades e distribuir por aí. Infelizmente, países, empresas e famílias não funcionam dessa forma.

Em qualquer organização existem receitas e despesas e é preciso haver um equilíbrio entre elas a longo prazo. É possível até se endividar por algum tempo, mas, em algum momento, é preciso parar e ter algum plano para sair do buraco.

Na vida familiar, dívidas acumuladas com cartões de crédito, por vezes, tornam-se difíceis de pagar, muitas pessoas entram em desespero e chegam a recorrer a agiotas, piorando ainda mais a situação, ao usar gasolina para apagar um incêndio. Seria ótimo gastar como se não houvesse amanhã, só que Irresponsabilidade tem data de validade e a vida termina por cobrar a conta.

Recentemente, no dia 29 de julho, FMI divulgou um relatório que classifica a economia brasileira como "*moderadamente frágil*", nos colocando na companhia de países como Índia, Turquia, Indonésia e África do Sul, grupo já apelido como os "*cinco frágeis*". Claro que, em seguida, Mantega, o atual ministro da Fazenda, rebateu, dizendo inclusive que o relatório teria sido feito por uma equipe do "escalão inferior" do FMI, a despeito da própria gerente-geral do FMI, Christine Lagarde ter feito declarações críticas à gestão macroeconômica brasileira.

(<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/07/contas-externas-do-brasil-estao-em-situacao-moderadamente-fragil.html> e <http://oglobo.globo.com/economia/brasil-nao-esta-fazendo-reformas-estruturais-diz-diretora-do-fmi-13422260>)

O governo tem gastado demais, de forma indiscriminada, e sempre deixando a hora da verdade para depois. Ele passa quase uma visão "mágica" nos discursos e declarações. Evita enfrentar

adversidades e atuar de forma preventiva, como se a sorte, a positividade e as "boas intenções" cuidassem de tudo.

Lula deve ter sido um dos poucos presidentes do mundo que conseguiu fazer piada com a crise iniciada em setembro de 2008 nos EUA que se alastrou por todo o mundo. Ele declarou em 4 de outubro de 2008 *"Eu estou muito confiante de que a crise americana, se ela chegar aqui, ela lá é um Tsunami, aqui ela vai chegar uma marolinha, que não dá nem para esquiar"* (<https://www.youtube.com/watch?v=nX0Q2a4w6Ao>) Só que no ano seguinte, nosso PIB caiu 0,3%, que é uma marolinha bem alta para quem cresceu de 6,1% em 2007 e 5,2% em 2008.

Opinião Pessoal

Dentre as três candidaturas a Presidente da República em 2014 no Brasil com chances reais de ganhar, meu candidato é o Aécio Neves, por exclusão dos demais.

A candidatura da Marina Silva é um mistério. Sem dúvida, a impressão que fica é que ela é bem intencionada e íntegra. No entanto, pesa contra ela a falta de visão de gestão, do ponto de vista mais amplo.

Esse problema se reflete nela em atributos como inflexibilidade, intransigência e dificuldade de lidar com pessoas com ideias diferentes. Ela teria dificuldades de gerir as ações do seu ministério de forma eficiente e uma dificuldade ainda maior de lidar com o Congresso que, além de conter muitas correntes de pensamento, tem, digamos, diversas pessoas pouco íntegras.

Em 2008 ela pediu demissão como ministra do Meio Ambiente do governo Lula. Só que ela tinha muito mais condições de fazer algo pelo meio ambiente de dentro do governo do que fora dele. A partir daí, houve importantes retrocessos na questão ambiental, que continuaram durante a presidência da Dilma, que descumpriu todos os acordos que fez com a Marina no segundo turno.

Sei que alguém pode argumentar que o Brasil precisa enfrentar esse quadro calamitoso na Política, em que temos que lidar com um Congresso altamente fisiológico. Infelizmente, não será com enfrentamento com Legislativo, que iremos resolver esse problema. Isso iria gerar uma quebra institucional com consequências graves. Não há condições, no Brasil de hoje, para dobrar o Congresso, sem fazer uma extensa reforma político-eleitoral.

A Reforma Política precisa ser objeto de uma grande negociação com o Congresso, com a ajuda de uma ampla mobilização popular. Isso demanda uma grande habilidade de articulação e negociação do Presidente na condução desse processo. Não consigo enxergar a Marina nesse papel.

Além disso, ela é radical em algumas de suas concepções. Por exemplo, a Marina se declara terminantemente contra os transgênicos, por julgar que eles são perigosos para o meio ambiente e para a saúde. No entanto, as plantas transgênicas possibilitam, em muitos casos, um grande incremento da produtividade, que é importante para um mundo cada vez mais populoso. Além disso, criaram-se alimentos com teor nutritivo bem maior.

Na verdade, não há porque se ter preconceito contra transgênicos, uma vez que cruzamentos selecionados produzem resultados muito semelhantes, com mais esforço. O povo pré-colombiano criou no México o milho moderno a partir de uma gramínea chamada teosinto, que não pode sequer ser considerado um alimento. O milho é tão artificial, que ele nem se reproduz sem a ajuda humana para soltar as espigas. Sem a ajuda do homem, o milho se extinguiria, por incapacidade reprodutiva (<http://learn.genetics.utah.edu/content/selection/corn/>).

Em suma, toda inovação tecnológica, demanda critério e cautela em sua utilização, mas não se pode ter um preconceito intrínseco. No caso, há muito variedade, ou seja, há transgênicos e transgênicos. Não se pode generalizar.

Mais detalhes podem ser encontrado no recente artigo de 2013 chamado "Benefits and risks associated with genetically modified food products" (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24069841>). O verbete do Wikipedia "Genetically modified food controversies" contém um vasto painel de questões ligadas aos transgênicos. (http://en.wikipedia.org/wiki/Genetically_modified_food_controversies).

Em relação ao PSB (Partido Socialista Brasileiro), vale destacar que seu programa oficial (<http://www.psb40.org.br/fixa.asp?det=1>) é de cunho realmente socialista, indo além do que o PT assume

publicamente. Um trecho diz textualmente *"A socialização realizar-se-á gradativamente, até a transferência, ao domínio social, de todos os bens passíveis de criar riquezas, mantida a propriedade privada nos limites da possibilidade de sua utilização pessoal, sem prejuízo do interesse coletivo"*. Ou seja, o programa oficial do partido defende a estatização em larga escala de nossa sociedade.

Obviamente isso não quer dizer que a Marina ou o próprio PSB pretendam implantá-lo, mas sempre é preocupante dar o poder a um partido que oficialmente se coloca contra a iniciativa privada.

Caso a Marina avance para o segundo turno contra a Dilma, passará a contar com meu voto, principalmente para quebrar a estrutura hegemônica de poder que se formou em nosso país. Espero que a Dilma, ao perder o emprego, possa usar os R\$ 152.000 que ela tem em casa, segundo declaração ao fisco (<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/dilma-afirma-que-guarda-r-152-mil-em-dinheiro-em-casa>).